

Anotações para uma cartografia dos quadrinhos não ficcionais e do jornalismo em quadrinhos

Antônio Aristides Corrêa Dutra¹
Paulo Debon²

Resumo

Os quadrinhos não ficcionais e o jornalismo em quadrinhos apresentam já uma vasta produção, rica em variedade de temas, formatos e suportes. O propósito do presente texto é contribuir para uma possível cartografia desses campos. Utilizando um conceito abrangente de quadrinhos como linguagem, trabalhamos aqui tanto com obras de ambições artísticas quanto com peças essencialmente técnicas ou informativas. Enumeramos uma variedade de gêneros dos quadrinhos não ficcionais. Tratamos a seguir do campo do jornalismo em quadrinhos, para que propomos uma divisão em três outros campos: quadrinhos jornalísticos na mídia tradicional; quadrinhos jornalísticos em mídia exclusiva; e quadrinhos jornalísticos em mídia não jornalística.

Palavras-chave: Jornalismo em quadrinhos. Quadrinhos não ficcionais. História em quadrinhos.

Notes for a cartography of non-fictional comics and comics journalism

Abstract

Non-fiction comics and comics journalism already have a vast production, rich in a variety of themes, formats and supports. The purpose of this text is to contribute to a possible cartography of these fields. Using a comprehensive concept of comics as a language, we work here both with works of artistic ambitions and with essentially technical or informative pieces. We enumerate a variety of non-fictional

¹ Mestre em Comunicação pela ECO/UFRJ. Docente da Universidade Veiga de Almeida e da Universidade Candido Mendes.

² Doutor em História pelo PPGH-UERJ. Docente da Escola de Artes do Centro Universitário Celso Lisboa e da Gestto Cultural.

comic book genres. We then deal with the field of comic journalism, where we propose a division into three fields: Journalistic comics in the traditional media; Journalistic comics in exclusive media; Journalistic comics in non-journalistic media.

Keywords: Comics journalism. Non-fiction comics. Comic story.

Introdução

Praticamente duas décadas já se passaram desde que, no longínquo 2003, uma dissertação de mestrado sobre Joe Sacco (DUTRA, 2003) contribuiu para fincar o jornalismo em quadrinhos e o quadrinho não ficcional no âmbito da discussão acadêmica brasileira. Neste meio-tempo, diversos pesquisadores engajaram-se no debate com trabalhos, aulas, pesquisas, palestras, conferências, livros, artigos e tudo o mais sobre uma produção de quadrinhos que também se multiplicou e avançou para muito além dos jardins da ficção.

Vai já mais longe ainda aquele 1992 em que o primeiro volume de *Palestina*, de Joe Sacco, escapou do universo confinado das *comic shops* americanas, pegando de surpresa tanto o público quanto a imprensa que, sem saber como enquadrar a obra nos nichos classificatórios estabelecidos, cunhou a expressão “jornalismo em quadrinhos”. Esse mesmo ano viu também a biografia confessional *Maus*, de Art Spiegelman, ser contemplada com um Prêmio Pulitzer especial.

Em sintonia com a verdadeira revolução pela qual estava passando o universo dos quadrinhos desde os anos 1980, autores quadrinistas mundo afora se debruçaram sobre os mais variados temas e experimentaram os mais diversificados formatos e linguagens nessa produção a princípio esparsa, mas progressivamente crescente, de quadrinhos ancorados na vivência do real e do factual. Na contrapartida acadêmica do empreendimento, a crítica quadrinística, em retrospecto, trouxe à luz inúmeros outros exemplos, muito anteriores àquela efeméride definidora – devidamente acompanhada pela indústria editorial, que resgatou e republicou preciosidades históricas –, demonstrando que os quadrinhos não ficcionais, mesmo em evidente minoria, sempre estiveram presentes entre nós.

Este artigo, no entanto, não pretende aqui historiografar nem a produção prática nem a teórica desse vasto campo, mas apenas e tão somente apresentar algumas

(poucas) anotações para uma possível cartografia dos quadrinhos não ficcionais e do jornalismo em quadrinhos.

A massa crítica

Algumas das obras aqui listadas podem causar certa estranheza ou mesmo questionamentos. Para a seleção, foi utilizado o conceito sintético, mas bastante abrangente, apresentado por Scott McCloud em seu livro *Desvendando os quadrinhos*, em que o autor define histórias em quadrinhos como “imagens pictóricas e outras justapostas em sequência deliberada, destinadas a transmitir informações e/ou a produzir uma resposta no espectador” (MCCLOUD, 1995, p. 9). Não a defendemos como uma definição perfeita e acima de críticas (não nos parece que haja uma que o seja), mas a consideramos suficientemente adequada para nosso tema e para a presente abordagem.

Na medida do possível, privilegiamos listar obras brasileiras ou, pelo menos, publicadas em português, mas incluímos também trabalhos em outros idiomas, por crermos que são representativos. A grande maioria está disponível sob forma impressa, outras, em mídia digital. Por razões práticas, não enumeramos aqui obras de acesso restrito ou limitado, como dissertações ou teses em quadrinhos anteriores aos repositórios acadêmicos online e que só estão disponíveis exclusivamente na biblioteca da instituição original. Contudo, esse é um garimpo que merece ser feito.

Este trabalho é somente uma provocação inicial. Sua ambição é justamente a de ser corrigido, acrescido, contestado, transformado e transmutado, na direção de um mapeamento abrangente da produção de quadrinhos jornalísticos e de sua inserção dentro do campo mais amplo dos quadrinhos não ficcionais. A colaboração será bem-vinda, e o diálogo é sempre produtivo.

Ficção x não ficção

Há várias maneiras possíveis de classificar o universo da produção quadrinística. Utilizaremos aqui aquela divisão simples, mas tentadoramente prática, entre ficção e não ficção. Bastante usual na literatura e no cinema, tal divisão também é plenamente cabível para nós, pois assim como aqueles, a história em quadrinhos igualmente detém uma intensa produção narrativa.

Os limites entre ficção e não ficção não são propriamente claros ou inequívocos, mas é suficientemente aceito pelo senso comum que a primeira narra uma história fingida,

inventada, enquanto a segunda é dedicada a uma história acontecida. Assim, como nosso campo geral são os quadrinhos de não ficção, é autoevidente que dessa dicotomia é a não ficção que nos interessa. Também incluímos aqui obras de definição ambígua ou híbrida, mas partimos do princípio de que, mesmo que parcialmente, estas apresentam algum compromisso com o real, o factual ou a objetividade.

1. Quadrinhos não ficcionais

Para um reconhecimento do terreno a ser cartografado, propomos uma aproximação de nossos objetos agrupando-os por gêneros. Estes não são estanques, nem sempre têm limites claros e não são imutáveis. O insofismável *Maus*, por exemplo, é, em primeira instância, uma biografia, e assim o classificamos aqui – mas também poderia ser entendido como uma autobiografia ou como uma entrevista jornalística. Isto sem falar de seu componente de alegoria, ao apresentar as personagens como animais antropomorfizados. Portanto, importa menos sermos exatos nas classificações apresentadas e mais identificarmos nelas alguma produção relevante, pois o objetivo pretendido é justamente abrir o leque da produção de quadrinhos não ficcionais para contemplarmos melhor sua variedade.

4

Biografia

Há muitos exemplos de biografias em quadrinhos ao longo do século 20, mas no início eram frequentes obras de fôlego curto, voltadas para o público infanto-juvenil e apoiadas em pesquisas de fontes secundárias. A partir da eclosão das *graphic novels* e dos quadrinhos

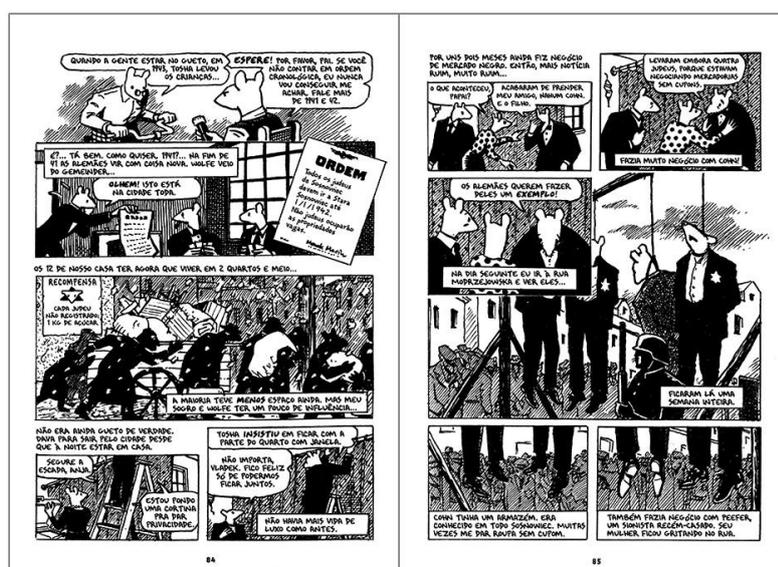


Figura 1 – Páginas de *Maus*

jornalísticos nas décadas de 1980 e 1990, o gênero experimentou um grande impulso com criações que incluem também fontes primárias e publicadas em livros de volume

mais consistente. O exemplo mais célebre de biografia em quadrinhos é, sem dúvidas, o premiadíssimo *Maus*, de Spiegelman. Serializado entre 1980 e 1991 e compilado em dois volumes em 1986 e 1991, respectivamente, esse livro foi a primeira história em quadrinhos a ganhar um Prêmio Pulitzer especial, em 1992.

Autobiografia

Apesar da grande quantidade de biografias em quadrinhos, poucas são as que poderiam constar como autobiografias. Matthäus Schwarz, banqueiro alemão nascido em 1497, resolveu narrar sua vida de uma maneira até hoje bastante inusitada: produziu um álbum manuscrito com ilustrações em sequência cronológica, apresentando as principais vestimentas por ele utilizadas vida afora, acompanhadas de textos nos quais relata cada ocasião mostrada. Ou seja, o livro é uma autobiografia quadrinizada através da moda, sua grande paixão. O manuscrito foi batizado como *Kleidungsbüchlein* (“Livreto das vestimentas”, em alemão). A reedição francesa de 1992 apresenta uma seleção de 91 pranchas dessa obra e os respectivos textos no original e em francês, além de um texto de apresentação.

5



Figura 2 – Página de *Kleidungsbüchlein*, com Schwarz aos 11 e aos 12 anos

Relato pessoal

Diferenciamos o relato pessoal da autobiografia por sua envergadura. Enquanto esta última tenta dar conta de uma existência ou de boa parte dela, o relato pessoal abrange um período ou um fato específico. É o caso de *Esta é uma historinha que conta como vovô virou avestruz*. Criador do símbolo “Senta a Pua”, da FAB, e ex-combatente como piloto da aeronáutica durante a campanha brasileira na Itália à época da Segunda Guerra Mundial, Fortunato Camara de Oliveira reconta suas aventuras para seus netos. Publicado originalmente em 1993, com tiragem restrita direcionada à família, o livro foi reeditado comercialmente em 2001.

É uma obra curiosa e singular, pois se trata de um relato pessoal em quadrinhos para o público infantil.



Figura 3 – Capa de *Esta é uma historinha que conta como vovô virou avestruz*



Figura 4 – Página de *Noite de trevas: uma história real do Batman*

Autoficção

Transitando pelas regiões brandas entre a realidade e a ficção, a autoficção é um gênero em sintonia com o nosso tempo. Paul Dini era o roteirista da série animada do Batman quando sofreu um assalto violento. A HQ *Noite de trevas: uma história real do Batman* traz o relato do incidente e da recuperação do autor misturado a memórias antigas e fantasias escapistas, nas quais ele é ajudado pelo próprio Batman. Ao mesclar realidade, memórias e fantasia, a estrutura da obra lembra, curiosamente, o clássico do teatro brasileiro *Vestido de noiva*, de Nelson Rodrigues.

Documentário

Alguns documentários em quadrinhos são uma simples adaptação do conteúdo prévio de um documentário cinematográfico ou televisivo. Ambição bem maior teve o quadrinista francês Étienne Davodeau, que já tinha desenvolvido uma consistente carreira nos quadrinhos ficcionais quando decidiu explorar também a não ficção. Em *Os ignorantes: relato de duas iniciações* – seu único livro já traduzido no Brasil –, o autor convive por um ano com um amigo vinicultor, aprendendo as artes da produção de vinhos enquanto lhe ensina os segredos e mistérios do mundo dos quadrinhos.

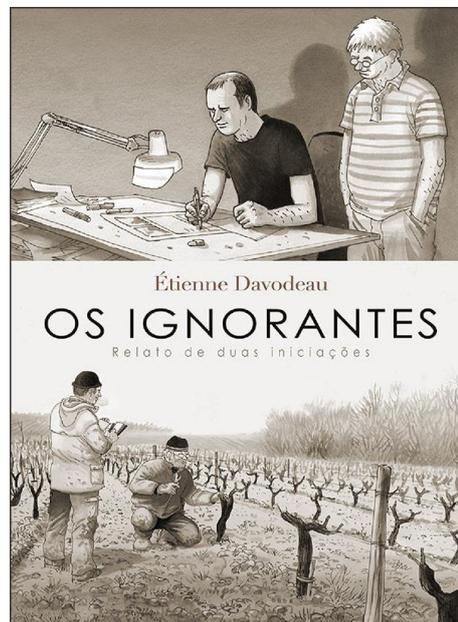


Figura 5 – Capa de *Os ignorantes: relato de duas iniciações*

7

Palestra

A ideia de uma palestra em quadrinhos é uma proposta bastante inusitada, mas foi empreendida pelo francês Hector Obalk, crítico e historiador da arte, em dois tomos de livro sobre Michelangelo. Há inúmeras fotos de detalhes de obras do artista renascentista acompanhadas de breves comentários em texto. Os dois quadros iniciais da HQ mostram Obalk discursando no palco de um auditório, e as quase duzentas páginas seguintes detalham a apresentação propriamente dita. O autor batizou sua técnica com o neologismo



Figura 6 – Páginas de *Michel-Ange: tout Michel-Ange ou presque en un seul texte et mille images*

“kaléido”, redução da expressão “caleidoscópio de imagens”. Poderíamos citar como precedente da ideia o célebre *Desvendando os quadrinhos*, de Scott McCloud, o qual, no primeiro capítulo de sua publicação, desenha uma plateia interagindo com suas falas. Isso nos permite entender o restante da obra como o desenvolvimento daquela palestra. A diferença é que, em Obalk, o livro-palestra é o eixo estruturante do discurso, enquanto McCloud faz deste mais propriamente um recurso retórico.

Divulgação científica

O livro *Sapiens* é uma obra consistente e que reflete a maturidade atual dos quadrinhos na divulgação científica. Trata-se de uma adaptação do bestseller internacional *Sapiens: uma breve história da humanidade*, desenvolvida pelo próprio autor, Yuval Noah Harari, assistido por um roteirista e um quadrinista. O envolvimento direto do criador no processo de adaptação possibilitou que os naturais cortes e acréscimos mantivessem a essência do original enquanto se beneficiavam dos ricos recursos específicos da linguagem dos quadrinhos. O primeiro volume da adaptação foi lançado em 2020, e estão previstos mais três.

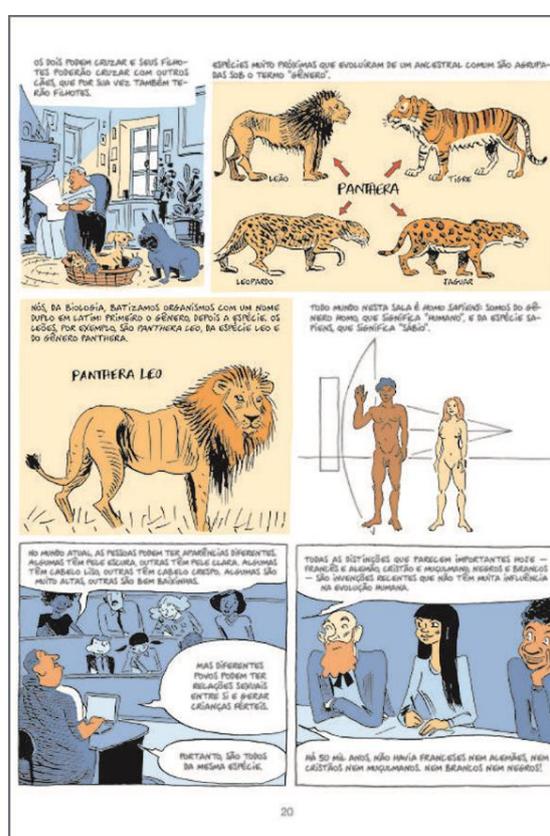


Figura 7 – Página de *Sapiens, uma história em quadrinhos*

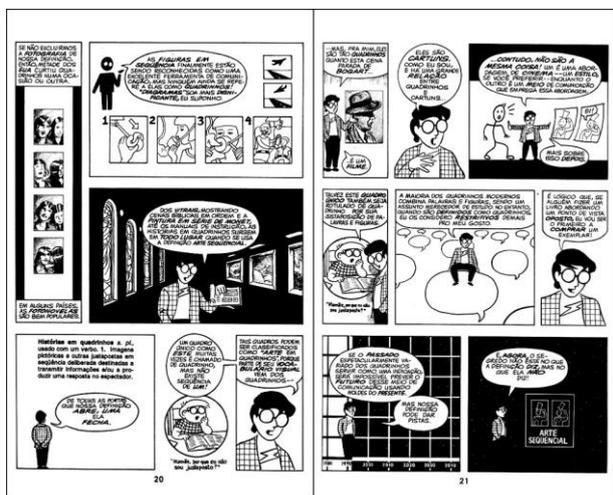


Figura 8 – Páginas de *Desvendando os quadrinhos*

Seus argumentos foram apresentados no livro-ensaio *Desvendando os quadrinhos*. Como numa contraprova de seus argumentos, o livro foi concebido em quadrinhos. Utilizando uma gama diversificada de recursos, como diagramas, gráficos, listas visuais, exemplificação, dramatização, alegorias e a esperta inclusão de um personagem apresentador, tudo devidamente quadrinizado, McCloud se sai muito bem na empreitada. O livro tornou-se um clássico tanto da teoria de quadrinhos quanto da própria história em quadrinhos em si.

Trabalho acadêmico

O livro *Desaplanar*, de Nick Sousanis, poderia facilmente estar no tópico acima como um ensaio teórico em quadrinhos. Porém, há uma peculiaridade que o define melhor: por ter sido originalmente apresentado como tese de doutorado na Faculdade de Artes Gráficas da Universidade de Columbia, nos Estados

Ensaio teórico

Na visão do quadrinista e teórico americano Scott McCloud, história em quadrinhos é muito mais que simplesmente a arte de contar histórias ilustradas (geralmente fantasiosas) para crianças e adolescentes, como via a crítica conservadora. É também uma linguagem estruturada, um modo discursivo e, como tal, pode ser utilizada virtualmente para dizer e/ou mostrar qualquer coisa. Para qualquer público.

9

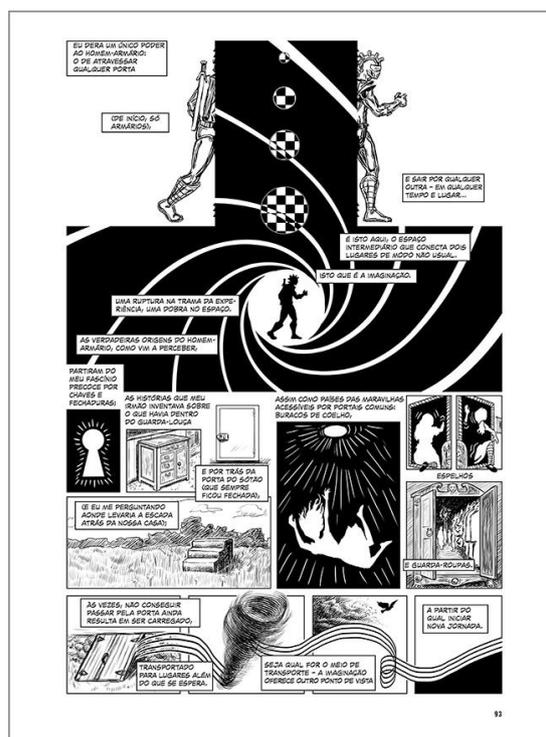


Figura 9 – Página de *Desaplanar*

Unidos, este se constitui, na verdade, como um trabalho acadêmico em quadrinhos. Não é o primeiro do gênero no mundo, certamente. No Brasil, temos, por exemplo, a dissertação de mestrado *A cidade e o desenho no universo das representações*, apresentada em 1992 à ECO/UFRJ pelo pintor e quadrinista Orlando de Magalhães Mollica. No entanto, a tese de Sousanis é favorecida pela publicação e divulgação internacional.

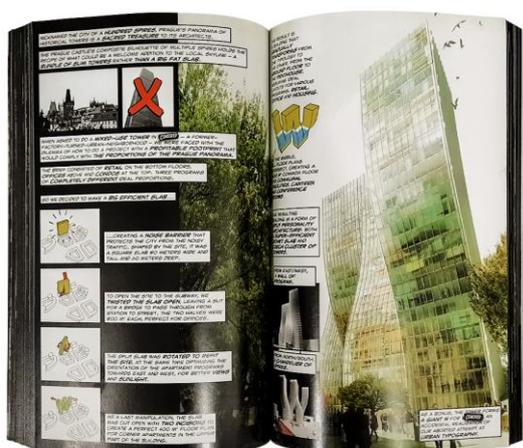


Figura 11 – Páginas de *Yes Is More: Um arquito-comic sobre a evolução arquitectónica*

Manifesto

No mundo das artes, um manifesto é uma declaração de intenções, princípios ou pontos de vista que norteiam a produção de um artista ou de um grupo. Eles são usados geralmente por artistas de vanguarda, posicionando-se em relação à produção vigente. Para divulgar sua visão de arquitetura, o escritório dinamarquês Bjarke Ingels Group – conhecido como BIG – escolheu a forma de um manifesto em quadrinhos. O livro *Yes Is More: um arquito-comic sobre a evolução arquitectónica* é uma proposta inusitada e arrojada que busca estar em consonância com a arquitetura inovadora do grupo.

10

Manual de instruções

Desde a Idade Média são conhecidos exemplos de manuais ilustrados de luta e combate. O uso da imagem sequencial possibilita decompor os movimentos dos combatentes em um passo a passo detalhado e claramente compreensível. Séphora Deboeuf (2018, p. 16) ressalta que “com o

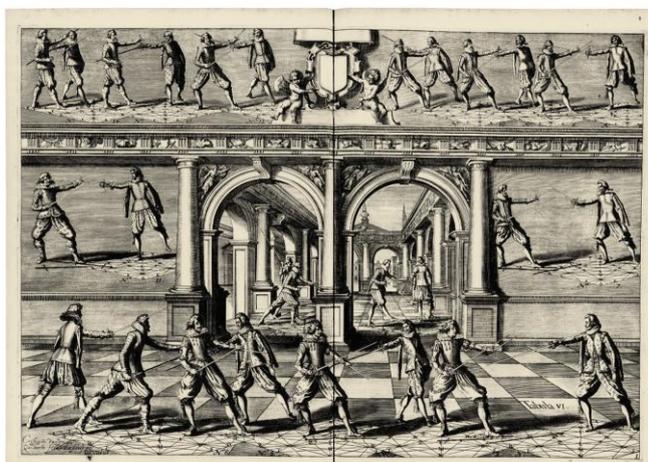


Figura 10 – Prancha em página dupla de *Académie de l'espée*

menos ao renascimento. No *carpet de voyage* quadrinístico, a parte do relato é, essencialmente, feita em quadrinhos. *ComicsTrips*, com texto e arte de Peter Kuper, é um dos ótimos exemplos do gênero. Kuper e sua mulher empreenderam uma viagem de oito meses pela África e Sudeste Asiático. Durante as longas esperas em aeroportos, rodoviárias, estações de trem e docas de barcos, o autor foi preenchendo seu *sketchbook* com os desenhos e relatos em quadrinhos que deram origem ao livro.

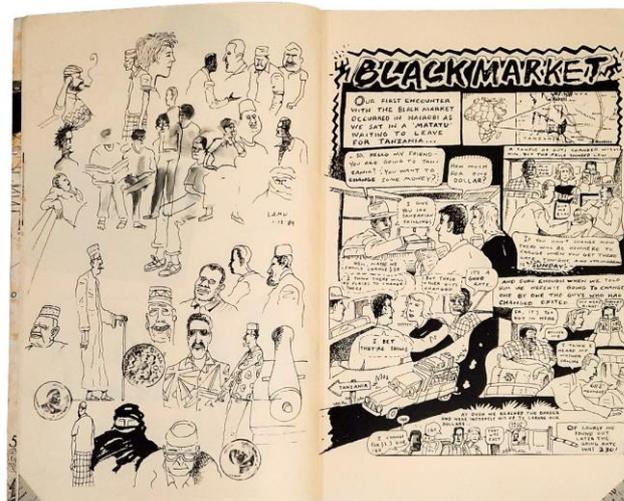


Figura 13 – Páginas de *ComicsTrips*

Registro histórico

Desde as pinturas rupestres do neolítico até hoje, passando pelas civilizações antigas e modernas, a humanidade registra em imagens seus principais eventos históricos. Em alguns desses registros, as imagens, auxiliadas ou não por textos, estão encadeadas em sequência, estabelecendo um discurso narrativo. A chamada *Tapeçaria de Bayeux* – na verdade, um longo tecido bordado normando do século 11, anônimo – tem 70m de comprimento por 0,5m de altura, com imagens sequenciais acompanhadas de texto em latim. Conta a tomada da Inglaterra pelo rei normando



Figura 14 – Página em sanfona do livro *La Tapisserie de Bayeux*

Guilherme, o Conquistador. Está integralmente reproduzida na escala 1:7 em um livro-sanfona homônimo, constituído de página única desdobrável de 10m de comprimento.



Figura 15 – Página de *Do inferno*

Ficção histórica

Este gênero insere um eixo narrativo ficcional em um contexto histórico verdadeiro. Às vezes, ser um pouco infiel em relação aos fatos pode ser uma ótima maneira de capturar com mais exatidão o espírito de um tempo. Muitas pessoas escreveram sobre o caso de Jack, o Estripador tentando desvendar-lhe a identidade. Em *Do inferno*, Alan Moore prefere conceber uma ambiciosa – mas muito bem arquitetada – teoria da conspiração ligando os assassinatos diretamente à coroa inglesa e aos círculos próximos da Rainha Vitória. A parte factual da narrativa é extremamente bem pesquisada e fundamentada por detalhadas anotações.

13

Relatório

Relatórios são textos que reúnem informações com os resultados de determinada atividade, pesquisa ou evento. Geralmente são escritos em uma linguagem técnica, buscando a precisão ao reportar os resultados. A ideia de produzir uma versão em quadrinhos de um relatório pode ter como objetivo popularizar seu conteúdo, tornando-o acessível a um público que normalmente não leria um relatório tradicional. *The 9/11 Report: A graphic adaptation* é a adaptação oficial em

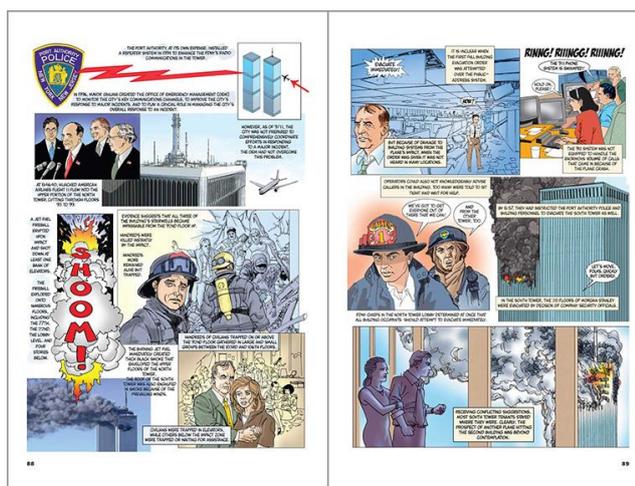


Figura 16 – Páginas de *The 9/11 Report: A graphic adaptation*

quadrinhos do Relatório Final da Comissão Nacional dos Ataques Terroristas nos Estados Unidos em 11 de setembro de 2001. Inclui reconstituição quadrinizada dos fatos, mapas, diagramas e outros recursos.

Jornalismo em quadrinhos

O jornalismo em quadrinhos é mais propriamente um campo, e não um gênero dos quadrinhos não ficcionais, mas figura aqui neste grupo por também estar nele circunscrito. Como campo de atuação e de práticas, será explanado no tópico a seguir.

2. Jornalismo em quadrinhos

O jornalismo em quadrinho é uma vasta área de atuação, que pode abarcar desde a mídia tradicional de jornais e revistas noticiosos até livros-reportagem, sites e redes sociais. Os livros-reportagem já estão contemplados em nosso mapeamento da produção de quadrinhos não ficcionais acima, em que utilizamos o conceito de gênero para nortear as classificações. Acreditamos que neste tópico de jornalismo em quadrinhos a mesma divisão em gêneros não seja o parâmetro mais adequado ou produtivo para compreender a variedade da produção. Buscamos, então, verificar nas práticas e formatos já instituídos de texto jornalístico ou nas seções estabelecidas de jornais e revistas a ocorrência de seus equivalentes em quadrinhos. Obviamente, isso não impede que, porventura, sejam encontrados novos formatos a partir da interseção das duas linguagens, mas no momento, o que mais se percebe, ainda, é mesmo uma contraparte em quadrinhos de formatos preexistentes no jornalismo, como reportagem em quadrinhos ou entrevista em quadrinhos, por exemplo.

Para melhor compreendermos o campo, subdividimos as peças em três grupos, mostrando os quadrinhos jornalísticos:

- Na mídia tradicional;
- Em mídia exclusiva;
- Em mídia não jornalística.

Na mídia tradicional

Já é fato aceito e incontestado que a consciência da existência do campo teórico do jornalismo em quadrinhos foi catalisada pelo lançamento do livro-reportagem *Palestina*, de Joe Sacco. Contudo, a pesquisa histórica nos mostrou que a utilização de recursos

quadrinísticos como ferramenta narrativa ou ilustrativa pelo jornalismo tradicional não é nenhuma novidade, a começar, por exemplo, pela ilustração sequencial, o infográfico sequencial e a reconstituição quadrinizada de fatos, velhos amigos dos jornais e revistas noticiosos. Alguns já eram empregados no jornalismo ilustrado do século 19.

Sim: a partir de *Palestina*, esse campo de ação e seu conjunto de possibilidades foram largamente ampliados com o emprego da linguagem dos quadrinhos, não mais como meros recursos auxiliares, mas também como suporte da própria matéria. Assim, começamos a encontrar com frequência nas páginas dos veículos jornalísticos tradicionais diversas reportagens, entrevistas, crônicas e outros realizados em quadrinhos. Essa experimentação é potencialmente ilimitada. Se ainda não existirem, podemos imaginar também editoriais em quadrinhos, sumário em quadrinhos, expediente em quadrinhos e tudo o mais. Por que não?

Ilustração sequencial

Entendemos por ilustração sequencial uma pequena história em quadrinhos utilizada como ilustração acessória de uma matéria ou de um artigo. Não são necessariamente peças autônomas. No século 19, quando as histórias em quadrinhos ainda não tinham balões, elas podiam ter a aparência de histórias mudas, com o texto explicativo apresentado em uma legenda, como numa imagem do jornal novaiorquino *The National Police Gazette*, de 11 de maio de 1895, que mostra um grupo de mulheres que, após serem presas em uma batida policial num bar, continuam a algazarra na cela da prisão (SMITH, 1972, p. 192). Nos três quadros que compõem a ilustração, elas são mostradas sendo apresentadas diante do delegado, olhando por uma pequena janela gradeada e, finalmente, tagarelando despreocupadamente em uma cela da cadeia.



Figura 17 – Ilustração de Batida policial em Tenderloin, *The Police Gazette*



Figura 18 – Página d'O Globo com o infográfico *A história e o projeto*

Infográfico sequencial

A partir do conceito de que uma imagem vale mais que mil palavras, os departamentos de arte dos jornais modernos esmeram-se na produção de impressionantes infográficos, com intuito de aliar impacto visual à alta capacidade explanatória. Dentre os recursos utilizados estão tabelas, gráficos, diagramas, plantas, cortes e, também, sequencialidade. Para o caderno especial de comemoração dos 80 anos da inauguração da estátua do Cristo Redentor, o jornal *O Globo* produziu um infográfico de duas páginas duplas, narrando em imagens sequenciais o projeto e a construção do monumento.

Reconstituição de fatos

A reconstituição de fatos em uma sequência de quadrinhos é um recurso bastante utilizado no jornalismo para ilustrar eventos que não tenham sido filmados ou fotografados, como acidentes ou crimes. Um exemplo clássico no jornalismo brasileiro é a sequência de seis quadros (mais uma ilustração para a capa) desenhada por André Le



Figura 19 – Página dupla de *O crime do Palácio do Catete*

Blanc para uma edição extraordinária do jornal *O Globo* de 26 de setembro de 1954, chamada *O livro negro da corrupção*. Reconstitui o evento denominado de “Atentado da Rua Tonelero”, quando tentaram assassinar o jornalista e político Carlos Lacerda. Esse episódio gerou uma crise que culminou no suicídio do Presidente Vargas.

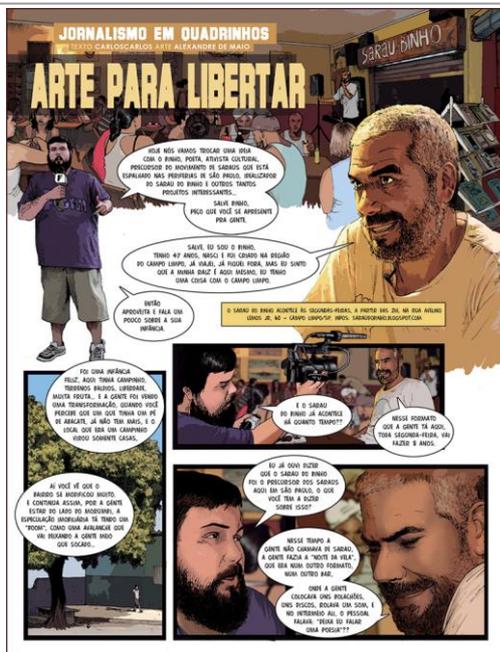


Figura 20 – Página de *Arte para libertar*

Várias de suas matérias produzidas para a Fórum e outras revistas estão disponíveis em seu site (<https://alexandredemaio.com.br/>).

Reportagem

A partir dos anos 2000 houve uma espécie de explosão do jornalismo em quadrinhos na mídia impressa tradicional. Incontáveis jornais e revistas apresentaram pelo menos uma vez em suas páginas uma reportagem em HQ original. Foi, porém, uma explosão controlada, pois na grande maioria dos casos eram experimentações únicas ou quase únicas. Poucos foram os veículos que investiram sistematicamente na produção regular desse material, como a Revista Fórum, que atualmente é uma publicação online, mas que circulou impressa de 2001 a 2013, trazendo muitas reportagens em quadrinhos do jornalista e

Entrevista

Em 5 de setembro de 1886, o semanário francês *Le Journal Illustré* publicou *L'art de vivre cent ans*, uma entrevista gráfico-sequencial de Félix Nadar com o químico Michel-Eugène Chevreul, constituída de 12 fotografias acompanhadas das respostas do entrevistado. Antes de tornar-se fotógrafo, Nadar foi um caricaturista e quadrinista consagrado, com pleno conhecimento da sequencialidade gráfico-narrativa.

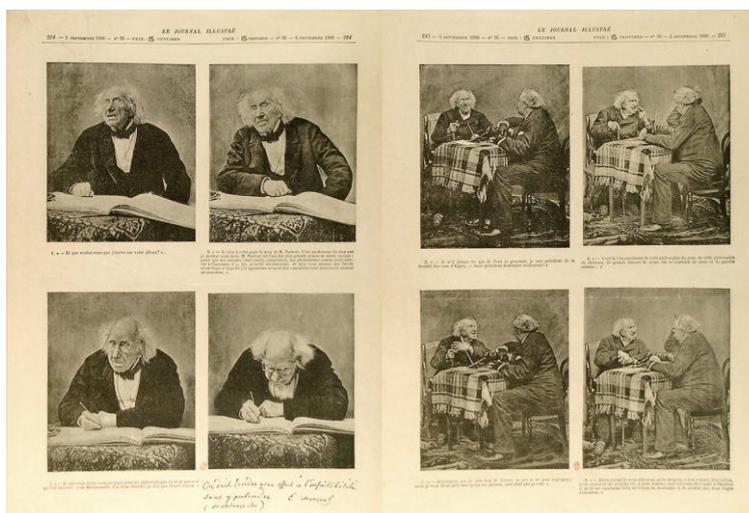


Figura 21 – Páginas de *L'art de vivre cent ans*

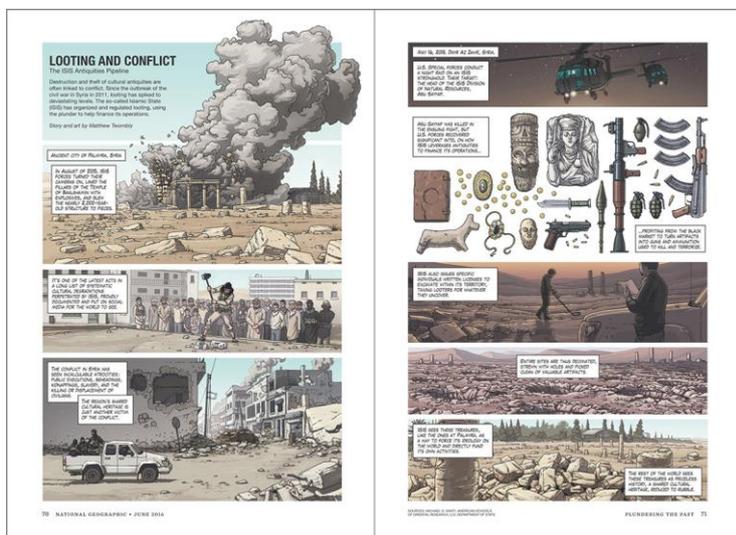


Figura 22 – Página dupla de *Espoliação e guerra*

no mercado negro para financiar o terrorismo. Duas dessas páginas foram reservadas a uma coordenada em quadrinhos com texto e arte de Matthew Twombly sobre as pilhagens realizadas pelo grupo terrorista Estado Islâmico na antiga cidade de Palmyra, na Síria.

Crônica

A revista literária americana *The New Yorker* sempre deu grande destaque à ilustração em suas páginas e na capa. Foi, portanto, bastante natural o aparecimento de matérias, artigos e crônicas em quadrinhos de ilustradores convidados. Dentre os colaboradores recorrentes estão o casal Robert e Aline Crumb. No Brasil, a revista *Piauí* – nossa prima tropical da *The New Yorker* – segue a mesma linha de privilegiar a ilustração e de abrigar vários gêneros de quadrinhos em suas páginas – inclusive crônicas em quadrinhos do mesmo casal Crumb, como em *Livrando a cara*, em que acompanhamos a reação de Robert após Aline passar por “um tipo de ‘intervenção cosmética’ no rosto” (CRUMB, 2009, p. 61).

Materia coordenada

Em jargão jornalístico, “coordenada” é o nome que se dá às matérias, geralmente menores, associadas a uma matéria principal de um mesmo assunto na mesma edição. Em 2016, a revista *National Geographic* dedicou 24 páginas, no total, a uma reportagem investigativa sobre o saque de antiguidades em zonas de conflito e sua venda

18



Figura 23 – Página de *Livrando a cara*

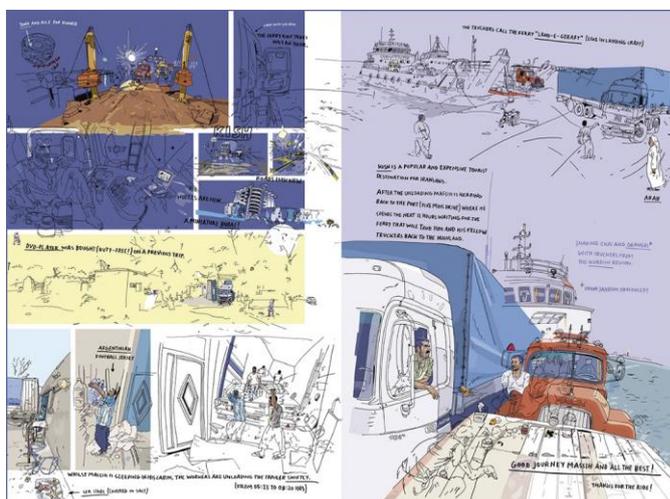


Figura 24 – Prancha dupla de *Un thé en Iran*

Coluna regular

A revista trimestral francesa *XXI – Vingt et Un* é uma publicação na tradição das grandes reportagens, aquelas com apuração mais longa e conteúdo aprofundado. Desde o seu surgimento, em 2008, todos os números da revista trazem uma reportagem em quadrinhos. É uma coluna fixa da publicação e um de seus diferenciais. Para a edição de número 12, o quadrinista

documentarista alemão Olivier Kugler produziu *Un thé en Iran* (“Um chá no Irã”, em francês), uma reportagem em HQ de 30 páginas, na qual relata a convivência com o caminhoneiro iraniano Massih, durante uma viagem de quatro dias transportando água mineral de Teerã ao Golfo Pérsico. Em 2011, a reportagem venceu o V&A Illustration Awards, a mais prestigiada premiação inglesa de ilustração. Na opinião de um dos membros do júri, o artista contemporâneo Rob Ryan, “aqui é onde o desenho pode superar a fotografia e a cópia”⁴ (FLOOD, 2011).

19

Caderno especial todo em quadrinhos

Na ocasião do julgamento do escândalo do Mensalão pelo STF, o jornal *Folha de São Paulo* produziu um caderno especial de 12 páginas em formato tabloide, com uma história em quadrinhos chamada *O incrível mensalão* e desenhada pelo cartunista Angeli narrando os fatos. As informações e os diálogos foram extraídos dos autos do processo.



Figura 25 – Prancha de *O incrível mensalão*

⁴ No original: "This is where drawing can top photography and copy."

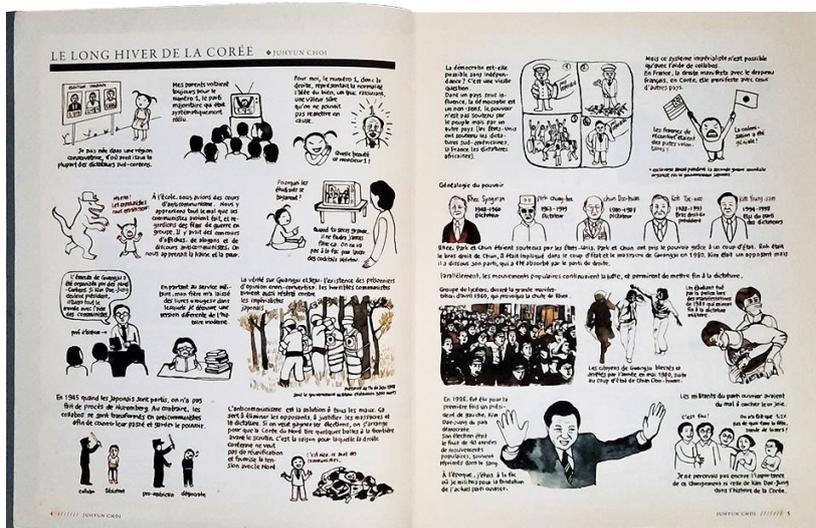


Figura 26 – Páginas da matéria *Le long hiver de la Corée*, de Juhyun Choi para *Le Monde Diplomatique* em bande dessinée

Edição especial toda em quadrinhos

Janeiro é o mês do famoso Festival de Quadrinhos de Angoulême, e não é raro encontrar alguma ação especial dos jornais franceses em homenagem ao evento. Em 27 de janeiro de 2011, o diário parisiense *Libération* estampava na capa a chamada

“*Aujourd'hui, libé tout en BD*” (em tradução livre: “Hoje, publicado todo em quadrinhos”). Contudo, no interior, era o mesmo jornal de sempre, com matérias em texto. A única concessão foi o fato de que todas as matérias estavam ilustradas com desenhos, em vez de fotos. Esse equívoco não foi causado por falta de bons exemplos. Apenas quatro meses antes, o contrerrâneo jornal mensal *Le Monde Diplomatique* havia feito uma edição especial, esta sim, com todas as matérias em quadrinhos.

Em mídia exclusiva

O jornalismo em quadrinhos pode estar inserido no seio da mídia tradicional, como vimos acima, mas também pode compor mídias exclusivas, específicas. Nesse caso, a diferenciação que ressaltamos é se tal mídia exclusiva apresenta uma peça única, como no livro-reportagem, ou é composta de peças diversas, que podem ser uma eventual coletânea ou efetivamente um periódico regular especializado.

Livro-reportagem

A obra seminal dos livros-reportagem em quadrinhos é, sem dúvidas, *Palestina*, de Joe Sacco. O livro desencadeou a cunhagem do termo “jornalismo em quadrinhos” e a definição de um campo teórico e crítico, arrebatando, no caminho, diversos prêmios, e abriu as portas para uma renovação da maneira de fazer jornalismo e, também, quadrinhos. Se estamos aqui hoje escrevendo ou lendo esses artigos acadêmicos é, de um modo ou de outro, por causa de *Palestina*. Herdeiro direto do livro-reportagem tradicional, mas também dos quadrinhos *underground*, a obra comprova a total compatibilidade da tradição das grandes reportagens investigativas com a linguagem dos quadrinhos, pois ambos se beneficiam igualmente bem do tempo maior de pesquisa e maturação.



Figura 27 – Página de *Palestina*



Figura 28 – Capa de *Nuvole di confine*

Coletânea

As coletâneas de quadrinhos jornalísticos – sejam de republicações ou de material original – dão certa permanência ao que tenderia a se tornar efêmero se restrito aos jornais e revistas. Também têm o mérito de permitir uma visão de conjunto ao reunir e interrelacionar autores diversos. O livro-coletânea italiano *Nuvole di confine – Graphic journalism – L'arte del reportage a fumetti* (em tradução livre: “Nuvens de fronteira – Jornalismo gráfico – A arte da reportagem em quadrinhos”) reúne trechos de livros-reportagem em quadrinhos de autores representativos como Guy Delisle, Aleksandar Zograf, Sara Glidden e outros. Em comum, o relato em primeira pessoa da vivência nas diversas zonas de conflito mundo afora.

Publicação regular especializada

Com a boa aceitação das reportagens em quadrinhos em livros, jornais e revistas, era inevitável que algum dia aparecessem veículos jornalísticos exclusivamente em quadrinhos. Há já exemplos online. Porém, na época atual, com intensa migração para o digital, é relevante destacar quem consegue fazer isso na mídia impressa. O caso mais notório provavelmente é o da francesa *La Revue Dessinée*, uma publicação impressa trimestral surgida em 2013. Com o sucesso, em 2016 eles lançaram *Topo*, uma segunda revista nos mesmos moldes da anterior, mas voltada para os adolescentes. Já em 2018 assumiram a Rollin Publications, editora da XXI, compondo um invejável trio de revistas com publicação regular de reportagens em quadrinhos numa mesma editora.

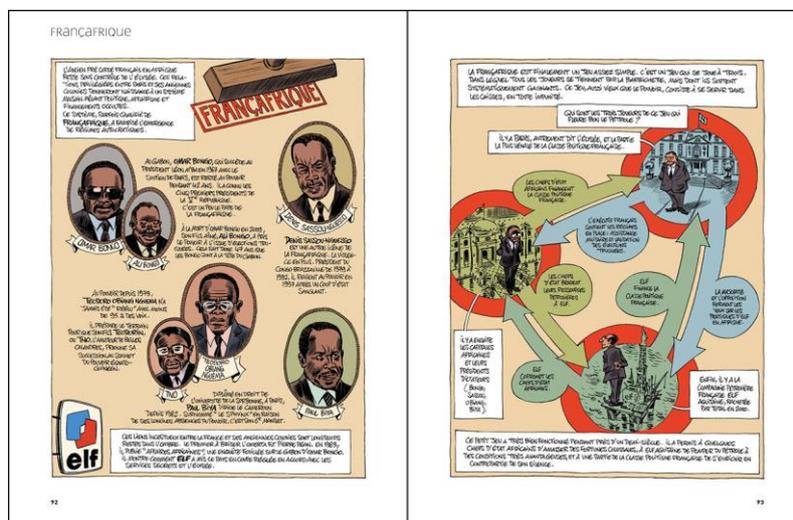


Figura 29 – Páginas de *Françafrique*, de Xavier Harel e Juien Solé para *La Revue Dessinée*

Em mídia não jornalística

Num exercício de especulação, podemos imaginar a veiculação de quadrinhos de conteúdo jornalístico virtualmente em qualquer lugar. Quadrinhos divulgando pessoas desaparecidas nas embalagens de leite? Nenhum problema. Jornal-pôster em quadrinhos alertando sobre os problemas da comunidade afixado nas ruas do seu bairro? Tranquilo. Uma reportagem-denúncia em quadrinhos distribuída em massa como panfleto político às vésperas de uma eleição? Boa ideia. Aliás, dentre as alternativas desse vasto campo de perspectivas, este último tipo é justamente um dos que listamos a seguir. A internet e as mídias sociais ampliam e potencializam ainda mais essas possibilidades, ao conjugarem elevado alcance e baixo custo numa equação tentadora. Tudo isso é realmente jornalismo? Não sabemos. Fica então como provocação.



Figura 30 – Página de *Un fascio di bombe*

Panfleto político

Por seu número de páginas e por seu formato, *Un fascio di bombe* é hoje classificado como um livro-reportagem em quadrinhos. Na verdade, foi produzido e distribuído gratuitamente como um panfleto político pelo Partido Comunista Italiano às vésperas da eleição de 1975, para denunciar e desmoralizar as práticas e táticas da extrema direita do período no país. Reconstitui em quadrinhos o Atentado da Piazza Fontana, conjunto de ataques terroristas ocorridos em Roma e Milão em 1969. Os autores, na época em início de carreira, são hoje grandes personalidades dos quadrinhos italianos, dentre os quais está o mestre Milo Manara.

23

Mídias sociais

Com seu alcance potencialmente irrestrito e sua vocação natural para a interação, as mídias sociais têm sido utilizadas por diversos autores independentes como meio de divulgação de projetos quadrinho, inclusive de quadrinhos jornalísticos. Um bom exemplo é *Fala que eu desenho*, série de depoimentos quadrinizados pelo gaúcho Pablito Aguiar a partir de entrevistas realizadas com pessoas comuns sobre seu cotidiano. Desenhadas em página única, sempre com o mesmo grid de 24 quadros quadrados (4x6), as histórias podem ser publicadas quadro a quadro, em grupos de quatro quadros ou inteiras, conforme for mais vantajoso segundo a mídia social ou site. Assim como outros autores, Pablito utiliza o financiamento coletivo online como forma de remuneração pelo trabalho.



Figura 31 – *Fala que eu desenho: Mauro*

Considerações finais

O objetivo destas anotações incompletas e imperfeitas é o de contribuir para o debate e a compreensão das possíveis tipologias dos quadrinhos não ficcionais e do jornalismo em quadrinhos. É uma produção que já se apresenta vasta e diversificada, mas longe ainda de ter esgotadas suas potencialidades.

Trabalhamos aqui com a produção já existente, mas é também possível imaginar ou propor formatos ainda não experimentados ou ainda não identificados. Em 1985, por exemplo, o teórico francês e estudioso dos quadrinhos Thierry Groensteen (1985) já especulava sobre um possível surgimento de reportagens em quadrinhos – e isso três anos antes da publicação do autointitulado “*graphic docudrama*” *Brought to Light*, de Alan Moore e outros, e oito anos antes da aparição do primeiro volume de *Palestina*, de Joe Sacco. Quantas formas de quadrinhos não ficcionais ou jornalísticos ainda podemos supor ou propor?

Esse campo teórico não se encerra na produção dos quadrinhos em si, mas também de artigos, resenhas e livros que já foram lançados sobre o tema ou sobre obras específicas. Estes extrapolam o escopo aqui proposto, mas também merecem e aguardam uma catalogação, uma sistematização e uma metacrítica. Ficam os desafios.

24

Referências

AGUIAR, Pablito. Fala que eu desenho: Mauro. **Pablitoaguiar.com.br**. 2021. Disponível em: <https://www.pablitoaguiar.com.br/inicio/entrevistas-em-quadrinhos/fala-que-eu-desenho/mauro/>. Acesso em: 14 mai. 2021.

ALVIM, Alessandro *et al.* A construção, a história e o projeto. **O Globo**, Rio de Janeiro, p. 9-12, 9 out. 2011. Caderno Especial. Disponíveis em: https://oglobo.globo.com/arquivos/cristo_construcao1.pdf e em: https://oglobo.globo.com/arquivos/cristo_construcao2.pdf. Acesso em: 16 mai. 2021.

ANGELI; CARVALHO, Mario Cesar; BERCITO, Diogo. O incrível mensalão. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 19 ago. 2012. Caderno Especial. 12 p.

BRAUNSTEIN, Philippe. **Un banquier mis à nu**: autobiographie de Matthäus Schwarz, bourgeois d’Augsbourg. Paris: Gallimard, 1992. 144 p.

CARLOSCARLOS; MAIO, Alexandre de. Arte para libertar. **Revista Fórum**, São Paulo, n. 108, p. 34-37, mar. 2012.

CASTELLO, Alfredo; GOMBOLI, Mario; MANARA, Milo. **Un fascio di bombe**. Turim: Q Press, 2010. 48 p.

CLÉMENT, Jean-Marie; ASFIA, Safoura. O planeta Unesco. **O Correio da Unesco**, Rio de Janeiro, ano 4, n. 10-11, p. 3-68, out./nov. 1976. Disponível em inglês em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000049631>. Acesso em: 14 mai. 2021.

CRUMB, Robert; CRUMB, Aline. Livrando a cara. **Piauí**, São Paulo, n. 28, p. 61-63, jan. 2009. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/mulheres-e-plastica/>. Acesso em: 14 mai. 2021.

D'ANVERS, Girard Thibault. **Académie de l'espée**. Leiden: 1630. 396 p. Excerto disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5765167d>. Acesso em: 14 mai. 2021.

DAVODEAU, Étienne. **Os ignorantes**: relato de duas iniciações. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014. 272 p.

DEBOEUF, Séphora. **L'Art des armes à travers les siècles et ses traités d'escrime (XVIe-XIXe) dont les différentes éditions du traité de Lafaugère**. 2018. 118 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas e Sociais) – Université de Lyon, Lyon, 2018. Disponível em <https://www.enssib.fr/bibliotheque-numerique/documents/68367-l-art-des-armes-a-travers-les-siecles-et-ses-traites-d-escrime-xvie-xixe-dont-les-differentes-editions-du-traite-de-laufaugere.pdf>. Acesso em: 14 mai. 2021.

DINI, Paul; RISSO, Eduardo. **Noite de trevas: uma história real do Batman**. Barueri, SP: Panini Brasil, 2017. 130 p.

DUTRA, Antônio Aristides Corrêa. **Jornalismo em quadrinhos**: a linguagem quadrinística como suporte para reportagens na obra de Joe Sacco e outros autores. 2003. 149 p. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – ECO/UFRJ, Rio de Janeiro, 2003. Disponível em https://www.academia.edu/34450628/Jornalismo_em_quadrinhos_a_linguagem_quadri%C3%ADstica_como_suporte_para_reportagens_na_obra_de_Joe_Sacco_e_outros_autore_s. Acesso em: 14 mai. 2021.

FLOOD, Alison. Travel Journal Wins V&A Illustration Award. **The Guardian**, Londres, 7 jun. 2011. Disponível em: <https://www.theguardian.com/books/2011/jun/07/travel-journal-wins-v-and-a-illustration-award>. Acesso em: 14 mai. 2021.

GROENSTEEN, Thierry. **La bande dessinée depuis 1975**. Paris: Éditions Solar, 1985. 205 p.

HARARI, Yuval Noah; VANDERMEULEN, David; CASANAVE, Daniel. **Sapiens**, uma história em quadrinhos. V. 1: o nascimento da humanidade. São Paulo: Quadrinhos na Cia., 2020. 248 p.

INGELS, Bjarke e outros. **Yes Is More**: um arqui-comic sobre a evolução arquitectónica. Colônia: Taschen, 2011. 400 p.

JACOBSON, Sid; COLÓN, Ernie. **The 9/11 Report: A graphic adaptation**. Nova York: Hill and Wang, 2006. 134 p.

KUGLER, Olivier. Un thé en Iran. **XXI – Vingt et Un**, Paris, v. 12. p. 170-199, outono de 2010.

KUPER, Peter. **ComicsTrips**. Northampton US-MA: Tundra Publishing Ltd., 1992. 64 p.

LA REVUE DESSINÉE. Paris, n. 7, mar. 2015.

LA TAPISSERIE DE BAYEUX. Bayeux: Édition Ville de Bayeux, 2011. 1 p. em sanfona.

LE BLANC, André. O crime do Palácio do Catete. **O Globo**, Rio de Janeiro, p. 16-17, 26 set. 1954. Edição extraordinária.

LE MONDE DIPLOMATIQUE EN BANDE DESSINÉE. **Le Monde Diplomatique**, Paris, out. 2010. Edição Especial. 100 p.

MCCLOUD, Scott. **Desvendando os quadrinhos**. São Paulo: Makron Books, 1995. 216 p.

MOORE, Alan; CAMPBELL, Eddie. **Do inferno**. São Paulo: Via Lettera, 2000-2001. 4 vol.

NADAR, Félix; NADAR, Paul. L'art de vivre cent ans. **Le Journal Illustré**, Paris, 5 set. 1886.

OBALK, Hector. **Michel-Ange: tout Michel-Ange ou presque en un seul texte et mille images**. Paris: Hazan, 2016-2018. 2 v.

OLIVEIRA, Fortunato Camara de. **Esta é uma historinha que conta como vovô virou avestruz**. Rio de Janeiro: 7letras, 2001. 72 p.

ROMANI, Simone (Ed.). **Nuvole di confine**. Graphic journalism. L'arte del reportage a fumetti. Milão: Rizzoli-Lizard, 2012. 160 p.

SACCO, Joe. **Palestina**. São Paulo: Conrad, 2000-2003. 2 v.

SCHWARZ, Matthäus. **Klaidungsbüchlein**. Augsburg: [Manuscrito], 1520-1560. 146 p. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b100202683.r=Matth%C3%A4us%20Schwarz?rk=21459;2>. Acesso em: 14 mai. 2021.

SMITH, Gene; SMITH, Jayne Barry (Eds.). **The Police Gazette**. Nova York: Simon and Schuster, 1972. 208 p.

Alguns números do jornal estão disponíveis no site do Internet Archive: <https://www.loc.gov/item/ca08002606/>. Acesso em: 14 mai. 2021.

SOUSANIS, Nick. **Desaplanar**. São Paulo: Veneta, 2017. 198 p.

SPIEGELMAN, Art. **Maus: história completa**. São Paulo: Quadrinhos na Cia., 2005.

TWOMBLY, Matthew. Espoliação e guerra. **National Geographic**, São Paulo, p. 34-35, jun. 2016.